

## Psicanálise e Universidade.

Psychoanalysis and University.

*Maria Thereza Ávila Dantas Coelho<sup>1</sup>*

### Resumo:

A Universidade e a Psicanálise têm histórias de nascimento e desenvolvimento diferentes. Apesar de suas origens diversas, o contato entre ambas vem-se desenvolvendo, perpassado por diálogos interdisciplinares, questionamentos e tensões. Quais os efeitos desse contato em ambas as instituições? Seguindo essa direção, este trabalho refletiu sobre as relações entre a Psicanálise e a Universidade, em suas atividades e interlocução. A partir de dados experienciais, históricos e de textos de Freud e Lacan, apontou para algumas dificuldades e efeitos dessas relações, tais como: demanda de análise e formação analítica, enriquecimento teórico da Psicanálise e de outros campos de saber. Concluiu ressaltando o caráter extra-acadêmico da formação do analista e a importância da presença advertida da Psicanálise na Universidade e nos lugares onde circulam outros saberes e práticas, onde a interlocução possa ser frutífera.

**Palavras-chave:** psicanálise, universidade, interdisciplinaridade, discurso.

### Abstract:

The University and Psychoanalysis have birth stories and different development. Despite their different origins, the contact between them has been developed, permeated by interdisciplinary dialogues, questions and tensions. What are the effects of this contact at both institutions? Following this direction, this work reflected on the relationship between Psychoanalysis and the University in its activities and dialogue. From experiential and historical data, and from texts of Freud and Lacan, it pointed to some difficulties and effects of this relationship, like: demand of analysis and of analytic training, theoretical enrichment of Psychoanalysis and other fields of knowledge. It concluded emphasizing the extra-academic character of training analyst and the importance of the warned presence of Psychoanalysis in the University and in other places where other knowledge and practices circulate, where the dialogue can be fruitful.

**Keywords:** psychoanalysis, university, interdisciplinary, speech.



**Lacan**

A Universidade e a Psicanálise têm histórias de nascimento e desenvolvimento diferentes. A primeira nasce na Idade Média, atrelada à Igreja Católica e ao ensino, sobretudo, da filosofia e da teologia (SANTOS & ALMEIDA FILHO, 2009). A segunda nasce no início do século XX, a partir de uma prática clínica que subverte a racionalidade científica dominante naquela época (GAY, 1989). Apesar de suas origens diversas, o contato entre ambas vem-se desenvolvendo, perpassado por diálogos interdisciplinares,

<sup>1</sup> Doutorado em Saúde Pública. Psicanalista membro do Colégio de Psicanálise da Bahia. Professor Adjunto da UFBA. E-mail: [therezacoelho@gmail.com](mailto:therezacoelho@gmail.com).

<http://www.uva.br/trivium/edicoes/edicao-i-ano-v/artigos-tematicos/psicanalise-e-universidade.pdf>

acompanhados de questionamentos e tensões de diversas naturezas. Teria a Psicanálise, na Universidade, a potência de fazer girar o discurso universitário e o do mestre, presentes no corpo discente e docente? Se a Psicanálise produz uma subversão do sujeito, ou seja, seu assujeitamento à lei do significante, à lei do desejo, o que implica as dimensões da falta e do inconsciente (LACAN, 1960/1998), isto então quer dizer que ela produza efeitos de modulação discursiva no ambiente acadêmico? Tal subversão, ao apontar para a existência do sujeito do inconsciente, historiciza o discurso: a falta de saber leva à demanda e ao desejo de saber. O discurso do/sobre o analista, portanto, ao produzir essa historicização, faz girar com um quarto de giro o discurso do mestre e com dois quartos de giro o discurso universitário (LACAN, 1991/1992). Para tentar apreender conceitualmente aspectos como esses, que, inclusive, escapam ao significante, Lacan introduziu o conceito de matema. O matema denomina, assim, um tipo de formalização, uma notação algébrica, uma fórmula através da qual alguns conceitos psicanalíticos podem ser apresentados, como pode ser visto nos quadrípedes abaixo (1).

$$\begin{array}{cc}
 \begin{array}{c} M \\ \frac{S_1}{\$} \rightarrow \frac{S_2}{a} \end{array} & \begin{array}{c} U \\ \frac{S_2}{S_1} \rightarrow \frac{a}{\$} \end{array} \\
 \\
 \begin{array}{c} \frac{\$}{a} \rightarrow \frac{S_1}{S_2} \\ H \end{array} & \begin{array}{c} \frac{a}{S_2} \rightarrow \frac{\$}{S_1} \\ A \end{array} \\
 \text{agente} \rightarrow \text{trabalho} & \\
 \text{verdade} \quad \text{produção} &
 \end{array}$$

Fonte: Seminário XVII, Lacan (1991/1992).

Se, de um lado, questionamo-nos sobre os efeitos da presença da Psicanálise na Universidade, questão não menos importante diz respeito aos efeitos da Universidade sobre a Psicanálise. Na estrutura universitária e dos órgãos de incentivo à pesquisa nas universidades brasileiras, a Psicanálise não é considerada como uma grande área ou área de conhecimento (CAPES, 2012; CNPQ, 2012). No ambiente acadêmico, portanto, ela tem sido apresentada ora como uma escola da Psicologia, ora como um curso de pós-graduação, um departamento, uma disciplina ou uma interdisciplina.

No que diz respeito à não inclusão da Psicanálise como grande área ou área de conhecimento no âmbito da educação superior, podemos fazer um contraponto com o campo das Artes que, embora distinto do campo da Psicanálise, tampouco pertence ao campo das ciências. O fato de o campo das Artes ter conquistado um lugar como grande área de conhecimento na estrutura universitária não implicou a falta de reconhecimento desse campo como próprio, anterior e, em muitos aspectos, exterior à própria Universidade. Que efeitos produz sobre a Psicanálise, no campo social, a sua desconsideração como grande área ou área de conhecimento, na educação superior? Por outro lado, que consequências lhe trariam a sua inserção na Universidade dessa outra forma?

Diversos fatores podem ter contribuído para a ausência da Psicanálise do rol das grandes áreas e áreas de conhecimento na educação superior. Dentre eles, podemos considerar a história de desenvolvimento da Psicanálise fora da instituição universitária, o aspecto de a Psicanálise não se subdividir em subáreas e de seu tripé de “formação analítica” (composto pela análise pessoal, estudo da teoria e supervisão clínica) não poder desenvolver-se no âmbito universitário. Mesmo afirmando não existir a “formação do analista”, Lacan manteve essa expressão para apontar a sua relação com as formações do inconsciente e, portanto, com a análise pessoal no percurso do analista. Dizer que não há a “formação do analista” aponta, assim, para a impossibilidade de sua padronização e para o aspecto de que o analista se autoriza, sobretudo, a partir de si mesmo (do desejo do analista) e de alguns outros (analistas e analisantes, com quem realiza seu percurso clínico, estudo teórico, supervisão e processo de passe, nas associações de psicanálise e em outros espaços) (LACAN, 1973-1974/2000). Mesmo aí, há um impossível a transmitir, que requer ser considerado. Um pouco disso pode-se até ofertar e obter, na Universidade, por um período pré-determinado, com a ingerência de normas muitas vezes perturbadoras, mas esse pouco não é a mesma coisa e não abarca a análise pessoal, por exemplo.

Muitas vezes o estudo teórico, na Universidade, obedece aos moldes dos discursos universitário e do mestre, com padrões mais ou menos rígidos de delimitação do seu conteúdo e de sua avaliação. Isso não exclui o aspecto de que o discurso universitário e o do mestre possam estar presentes em outros espaços extra-acadêmicos, como nas associações de Psicanálise, como também não exclui o fato de os quatro discursos propostos por Lacan (o da histérica, o do analista, o universitário e o do mestre) circularem em diferentes espaços, inclusive nas universidades, como moduladores do laço social. No “Seminário XVII”, Lacan (1991/1992) concebeu os discursos como relações fundamentais de linguagem, que subsistem sem as palavras e conformam o laço social. Todo discurso implica, portanto, uma articulação do campo do sujeito com o campo do Outro.

O laço social, na perspectiva da Psicanálise, é a relação não-toda entre os seres humanos, marcada pela incompletude e sustentada pelos discursos e modalidades de gozo de sua época. O discurso do mestre é aquele que diz respeito ao poder, ao governo, ao comando, que implica que alguém (o senhor, na dialética hegeliana) dá ordens para que o outro (o escravo) trabalhe (LACAN, 1991/1992). O saber fazer, na verdade, quem tem é o outro, que produz um objeto *a* (2), um mais-gozar. Nesse discurso, a castração do mestre é uma verdade implícita, que se busca camuflar.

O discurso da histérica, por sua vez, refere-se ao sujeito dividido, do inconsciente. Com seus sintomas, a histérica dirige-se ao outro, colocando-o no lugar de mestre e demandando um saber sobre ela (LACAN, 1991/1992). A histérica goza com seu sintoma e com o fracasso do mestre quanto ao saber sobre esse gozo inconsciente. Ela seduz o mestre, sem se submeter a ele. Trata-se aí de fazer o outro desejá-la, sem se tornar seu escravo, de modo a reinar sobre ele.

O discurso do analista, por outro lado, é o que diz respeito ao ofício de analisar, em que o *a*, na medida em que é resto, falha e fracasso da linguagem, é o agenciador, a causa do desejo de saber (LACAN, 1991/1992). Ele se dirige ao outro como sujeito e a não-resposta ou solução ao sintoma do outro dá lugar para que o outro se expresse na sua singularidade, inventividade, criatividade e produza os significantes que lhe são particulares. No discurso do analista, o saber no lugar da verdade indica que ele é um saber não-todo, que contempla o não sabido. Assim é o saber-fazer do analista, investido pelo outro (o analisante, por exemplo) como um saber sobre o outro, propulsor da transferência (3). O discurso do analista em uma instituição qualquer emerge sempre que há passagem de um discurso a outro (LACAN, 1975/1985), pois a cada vez que um discurso qualquer se instala, ele produz um resto que faz emergir o discurso do analista.

O discurso universitário, por fim, refere-se ao comando pelo saber (LACAN, 1991/1992). Ele admite a existência de um saber universal, que cresce pela via da acumulação, investindo-se de poder. Seguindo uma via burocrática, esse discurso busca dominar o outro (o estudante), colocando-o a serviço e como escravo do saber instituído. O sujeito produto desse discurso apenas repete, sem que se deixe entrever o seu desejo. A autoria ou invenção (S1) permanecem recalçadas, nesse discurso. Ao buscar a neutralidade científica e um saber que não contenha nenhuma marca do pesquisador, o discurso da ciência moderna se alicerça no discurso universitário.

Na Universidade, uma “prova de Psicanálise”, por exemplo, é uma expressão e uma prática de avaliação que bem nos mostra o quanto a ingerência de outras normas faz com que essa “prova” seja, em sua natureza, universitária e distante do que seria um depoimento de transmissão de uma psicanálise. No âmbito da Psicanálise, portanto, a teoria não é um fim, a ser meramente confirmado ou reproduzido. Longe disso, ela é uma doutrina em permanente construção, aberta à inovação e à invenção. Há como se produzir, na Universidade, uma experiência outra de relação com o saber, marcada pela interrogação, que não exclua a emergência do novo, do efeito surpresa, de um saber singular em sua relação com o desejo? Em outras palavras, que não exclua o sujeito, o não saber, e leve em conta a realidade fantasmática, a dimensão da falta, o inconsciente?

Na prática clínica e na supervisão, por sua vez, incluídas como disciplinas no curso de Psicologia, por exemplo, as ingerências perturbadoras parecem ser também outras. Alguns alunos sem nenhuma experiência de análise pessoal fazem o seu “estágio em clínica psicanalítica”, em um ambulatório da Universidade ou em outros espaços, sem o percurso de “formação” para isso. Atendimentos são iniciados e têm que ser interrompidos, porque o semestre ou o tempo do estágio terminou, a despeito do processo clínico do paciente ou cliente. O aluno e seu supervisor buscam dar os melhores encaminhamentos possíveis a essas situações, mas nem por isso elas deixam de existir.

A despeito dessas dificuldades, avanços na direção de uma “formação analítica”, extra-acadêmica, portanto, podem ocorrer a partir daí, e é por essa via que, por vezes, algumas pessoas chegam aos consultórios dos analistas e às instituições psicanalíticas com uma busca ou suposta busca de uma “formação em psicanálise”, a que se agregam outros fatores pessoais, mais particulares. Sobretudo nas supervisões clínicas, algo se passa aí e questões subjetivas são mobilizadas, produzindo os efeitos citados. O enigma, o não saber e o desejo de saber sobre si e sobre o outro se associam a outros elementos e levam ao início de uma “formação analítica”.

As ingerências perturbadoras apresentadas acima parecem ocorrer com maior intensidade no ensino de graduação. Na pós-graduação, a depender da trajetória das pessoas que estejam inseridas nesse contexto, esses elementos podem ser minimizados. De todo modo, interferências também podem acontecer aí, sobretudo porque a entrada nos cursos de pós-graduação vem-se dando cada vez mais precocemente, sem que se tenha algum tempo de percurso de “formação analítica”. No trabalho de pesquisa, por exemplo, o pesquisador pode não desenvolver suas próprias reflexões e ideias e fazer uma apropriação não crítica de outros autores, o que revela uma alienação ao outro. Isso não precisa ser necessariamente assim na Universidade e, por outro lado, pode também se presentificar nas associações de Psicanálise, pela subserviência ao discurso do mestre.

A presença da Psicanálise na Universidade, ainda que submetida às reduções e ingerências expostas acima, não torna obscuro o fato de a Psicanálise e a Universidade serem duas instituições distintas. Seja pela especificidade da história e desenvolvimento de cada uma, seja pelos seus objetivos e *modus operandi*, o diálogo e a relação entre a Psicanálise e a Universidade são necessariamente de natureza interinstitucional. Essa interinstitucionalidade não significa, entretanto,

<http://www.uva.br/trivium/edicoes/edicao-i-ano-v/artigos-tematicos/psicanalise-e-universidade.pdf>

que uma instituição não possa estar presente na outra, ou que as mesmas pessoas não possam transitar ou estar nas diferentes instituições.

Ainda que a Psicanálise possa estar dentro da Universidade, moebianamente ela está fora, e vice-versa, sobretudo nas associações e consultórios de Psicanálise, onde ela pode desenvolver-se mais amplamente, conforme suas próprias regras e sua ética. Lacan utilizou-se da banda de Moebius para tratar das relações entre o sujeito e o objeto *a*. Nessa direção, um corte no formato de oito interior na superfície dessa banda produz o sujeito e a distinção entre o dentro e o fora (LACAN, 1966-1967/2000). Que a Psicanálise seja outra instituição, portanto, não quer dizer que ela também não possa estar presente em outras instituições, como hospitais e serviços de saúde mental. Lembremos que, em seu texto “Linhas de Progresso na Psicoterapia Psicanalítica”, Freud (1919) destacou a importância da aplicação da Psicanálise a uma população doente e financeiramente carente, por exemplo. Entretanto, aí, nesses outros espaços, a Psicanálise sofre os efeitos de outras normas de funcionamento que podem alterá-la, por vezes limitá-la, distorcê-la ou desfigurá-la.

A questão abordada acima, da “formação analítica” das pessoas que na universidade estão ligadas a atividades de ensino, pesquisa e/ou extensão que dizem respeito à Psicanálise, não está restrita ao seu corpo discente. Ao lado das regras de funcionamento da Universidade, o percurso de “formação analítica” do professor e seu estilo pessoal, dentre outros aspectos, produzem efeitos na condução dessas atividades. Psicanálise em intensão e psicanálise em extensão formam um binômio criado no campo da Psicanálise para problematizar as diferenças de incidência da Psicanálise na análise pessoal ou em um campo terceiro (LACAN, 1967/2003), incluindo-se aí as associações de Psicanálise e outras instituições e espaços. Se a psicanálise em extensão depende do que ocorre na psicanálise em intensão (ROUDINESCO, 1988), é nela que se ata o que é da ordem da psicanálise em intensão (LACAN, 1967/2003), sobretudo no que diz respeito à observância da ética da Psicanálise e às possibilidades e impossibilidades de sua transmissão.

É fato que a Psicanálise está, há muito tempo, inserida na Universidade, através das disciplinas, interdisciplinas, cursos de pós-graduação, atividades de ensino, pesquisa e extensão. A despeito das dificuldades que possam existir, das ingerências acadêmicas e tensões, trabalhos sintonizados com a ética da Psicanálise e seus conceitos fundamentais (LACAN, 1986/1988), que apontam para o desejo, a falta e o inconsciente, movidos pela transferência enquanto atualização e colocação em ato da realidade do inconsciente (LACAN, 1973/1985), também são realizados no espaço institucional da Universidade, com um caráter interinstitucional. A partir dessas atividades, conjugadas a outros fatores, além das já citadas demandas de análise e de “formação psicanalítica” a terceiros, também ocorre que algumas pessoas, que atuam como analistas em seus consultórios e que são estudantes de pós-graduação, busquem escrever, no espaço universitário, sobre sua prática clínica. Cada uma dessas situações demanda uma reflexão própria, ampliada.

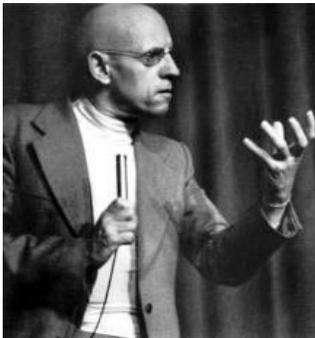
Associada aos aspectos clínicos, a Psicanálise possui um corpo teórico que, desde o seu surgimento, com o trabalho de Freud e, posteriormente, o de Lacan (na interface com as Artes, a Filosofia, a Sociologia, a Antropologia, a Física, a Linguística e a Matemática, por exemplo), tem alimentado e enriquecido o debate de diversos temas que dizem respeito à nossa atualidade. Nessa direção, a Psicanálise tem colaborado com todos os espaços em que se pense o mundo e a subjetividade do homem contemporâneo (LACAN, 1953/1998), dentre eles a Universidade.

A presença da Psicanálise na Universidade, assim como em outros espaços, pode gerar efeitos em ambas as instituições. Assim como, no campo psicanalítico, Freud foi instaurador de discursividade, engendrando diferentes escolas teórico-práticas (FOUCAULT, 1969), do lado da Universidade, a Psicanálise, através do diálogo com outros campos e de sua *praxis*, colaborou para a

<http://www.uva.br/trivium/edicoes/edicao-i-ano-v/artigos-tematicos/psicanalise-e-universidade.pdf>

emergência e/ou o desenvolvimento de novos discursos. Diferentemente disso, se ela permanece isolada, sem o intercâmbio com outros campos, como um campo que se desenvolve em paralelo e não interage com os demais, a sua presença na Universidade e no campo social mais amplo fica reduzida e ela perde o poder de produzir esses efeitos.

Por ser considerada, na visão de muitos, um dos grandes pensamentos do século XX, que introduz a dimensão inconsciente numa outra lógica, a Psicanálise encontra-se presente nos lugares onde se travam debates em torno de ideias e problemas contemporâneos, a exemplo da Universidade. Dentre os autores e pensadores de destaque dos séculos XX e XXI, inseridos no ambiente acadêmico, que foram perpassados pelo pensamento psicanalítico, podemos citar: Gaston Bachelard, Norbert Elias, Theodor Adorno, Max Horkheimer, Claude Levi-Strauss, Herbert Marcuse, Serge Moscovici, Michel Foucault, Louis Althusser, Paul Ricouer, Roland Barthes, Jacques Derrida, Julia Kristeva, Gilles Deleuze, Félix Guattari, Jean-François Lyotard, Cornelius Castoriadis, Ernesto Laclau, Judith Butler, Slavoj Žižek, Alain Badiou, Didier Eribon, dentre outros. As leituras e apropriações desses diversos pensadores sobre a obra da Psicanálise foram atravessadas instauração de novos discursos, a partir dessas leituras, por alguns deles, em seus respectivos campos, é um dos grandes efeitos da presença da Psicanálise na Universidade.



Foucault



Žižek



Barthes

No campo da “formação” e da teorização psicanalítica, por sua vez, do lado da instituição psicanalítica, portanto, tanto Freud quanto Lacan e outros psicanalistas se nutriram das ideias de autores que produziram seu conhecimento em estabelecimentos de ensino superior, como também em outros lugares, para pensar os fenômenos que aconteciam em sua clínica e desenvolver a teoria. Dentre os autores vinculados à Universidade que influenciaram ou estiveram presentes no pensamento de Freud e Lacan, por exemplo, podemos destacar: Immanuel Kant, Georg Wilhelm Friedrich Hegel, Ferdinand de Saussure, Henri Wallon, Romain Rolland, Kurt Gödel, Roman Jakobson, Jean Hyppolite, Alexandre Kojève, Georges Canguilhem, Émile Benveniste, Martin Heidegger, Pierre Soury, Georges Guilbaud, dentre outros. A influência desses autores, no desenvolvimento do pensamento psicanalítico, é uma das grandes influências da Universidade sobre a Psicanálise.

Em 1963, Lacan saiu da Associação Internacional de Psicanálise (IPA) e, a partir desse ano, passou a proferir seus seminários na *École Normale Supérieure*, em Paris, a começar aí pelo décimo primeiro, intitulado Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise. Em 1964, a *Société Française de Psychanalyse*, da qual fazia parte, foi dissolvida e ele fundou a *École Freudienne de Paris*. Por ter-se pronunciado favorável ao movimento estudantil de maio de 1968, Lacan foi expulso, em 1969, da *École Normale Supérieure* e passou a proferir seus seminários na Faculdade de Direito da *École Pratique des Hautes Études*, defronte ao Panthéon, onde deu continuidade à sequência já iniciada de seminários, com o décimo sétimo, intitulado “O Avesso da Psicanálise”, no qual apresentou a sua proposição dos quatro discursos. Nesse mesmo ano, 1969, Serge Leclaire, psicanalista também membro da *École Freudienne de Paris*, fundou um Departamento de

Psicanálise, na Universidade Paris VIII, que passou a ser coordenado, a partir de 1974, por Jacques-Alain Miller, sob a direção científica de Lacan (ROUDINESCO, 1988).

Na perspectiva de Lacan, portanto, a presença da Psicanálise na Universidade interessa à Psicanálise como instituição. O próprio Freud, na verdade, foi professor da Universidade de Viena, inicialmente sem remuneração e sem cátedra de ensino ou pesquisa (no período de 1885 a 1902) e, posteriormente, como professor extraordinário, a partir de 1902, com remuneração e cátedra (GAY, 1989). Isso revela que, na perspectiva de Freud e Lacan, a independência entre as duas instituições (a psicanalítica e a universitária) não significava uma relação de exclusão entre as mesmas, mas era entremeadada pelo diálogo interinstitucional e pela presença da Psicanálise na Universidade, embora a Psicanálise sofresse, por vezes, a resistência ou a repulsa dos que discordavam de seus princípios e fundamentos conceituais e clínicos.

Nessa direção, não podemos falar de forma generalizada ou linear das relações entre a Psicanálise e a Universidade, pois essas relações envolvem diversos fatores, são múltiplas e variadas, a depender de cada instituição, ator e situação. As posições de diferentes psicanalistas e professores universitários quanto às relações e quanto às modalidades de presença da Psicanálise na Universidade são variáveis. A despeito das tensões e do mal-estar que daí possam advir, reitero a importância da independência da Psicanálise em relação a outras instituições e campos, bem como a importância de sua presença nos lugares onde circulam outros saberes e práticas, onde a interlocução possa ser frutífera. Nesse sentido, chamo a atenção para a possibilidade de essa presença dar-se numa modalidade advertida. Uma presença advertida pode referir-se a muitos aspectos. Apenas para citar alguns, destaco aqui a impossibilidade de totalidade, complementariedade ou concordância plena, bem como a consideração da dimensão da falta, da alteridade, da diferença. A expressão “presença advertida” dialoga, assim, com a expressão lacaniana “desejo advertido”, trabalhada por Lacan no âmbito do fim de análise, em referência ao desejo do analista (LACAN, 1986/1988). A “presença advertida” da Psicanálise na Universidade, tal como o “desejo advertido” no final de análise, é prevenida contra os ideais.

Voltemos à “formação analítica”. A “formação em Psicanálise” é um processo contínuo, que está no cerne das associações psicanalíticas. A transmissão da Psicanálise se dá, principalmente, através da análise pessoal e da supervisão clínica, bem como pelo estudo e pela apropriação singular da teoria. É-se analista através de atos que ocorrem na relação transferencial com o paciente ou cliente e implicam um tempo de “formação” e experiência analítica, que não se pode previamente delimitar.

Dentre os efeitos mútuos das relações entre a Psicanálise e a Universidade, um dos principais parece ser a contribuição que ambas têm proporcionado ao desenvolvimento de pensamentos que florescem nessas instituições, através da leitura e do diálogo. Não podemos, entretanto, deixar de estar atentos aos possíveis equívocos que possam advir dessas relações, no tocante a interpretações distorcidas sobre o pensamento psicanalítico, a Universidade, a formação analítica e sua *praxis*. Vivemos hoje, no Brasil, um movimento de expansão e de reestruturação em muitas universidades. A ênfase na interdisciplinaridade, por exemplo, cria um campo fértil para a ampliação desse diálogo interinstitucional.

Ao tratarmos da Psicanálise e da Universidade, estamos diante de duas instituições cujas missões portam o impossível: educar e analisar (FREUD, 1937). Algo nesses ofícios resta sem poder realizar-se e simbolizar-se, de modo que há um não acabamento neles. O discurso do analista é o único que assume e acolhe o impossível, o limite, fazendo dele motor de novas invenções. Nessa direção, concluo este texto assinalando que, em tais contextos, cabe-nos, ao menos, a tarefa permanente de nos colocarmos a seguinte interrogação: como lidamos e o que fazemos com os

<http://www.uva.br/trivium/edicoes/edicao-i-ano-v/artigos-tematicos/psicanalise-e-universidade.pdf>

restos dessas operações? Diante desses restos podemos ter reações diversas. Uma que me parece produtiva e consoante à própria ética da Psicanálise é aquela que, partindo dos restos, busca relançar e construir novas questões, ideias e ações.

## Notas

---

(1) Os quatro elementos dos quadrípedes, que mudam de lugar, são: S1, S2, *a* e \$ (LACAN, 1991/1992). S1 é o significante mestre, que diz respeito aos significantes singulares do sujeito. S2 é o saber. O *a* é o objeto causa de desejo. \$ é o sujeito dividido, o sujeito do inconsciente. M se refere ao discurso do mestre; U, ao discurso universitário; A, ao discurso do analista; H, ao discurso da histórica. Os lugares ocupados por esses elementos correspondem às funções de agente, trabalho, produção e verdade.

(2) O objeto *a* é um conceito lacaniano, que se refere ao objeto de que não se tem ideia (KAUFMANN, 1996). Designa o objeto desejado pelo sujeito e que se furta a ele a ponto de ser não representável, ou de se tornar um “resto” não simbolizável (ROUDINESCO & PLON, 1998).

(3) A transferência é a colocação em ato, na relação com o outro, da realidade do inconsciente (LACAN, 1973/1985)

## Referências Bibliográficas:

CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. *Tabela de áreas de conhecimento*.

<[http://www.capes.gov.br/images/stories/download/avaliacao/TabelaAreasConhecimento\\_072012.pdf](http://www.capes.gov.br/images/stories/download/avaliacao/TabelaAreasConhecimento_072012.pdf)>. Acesso em 10 nov 2012.

CNPQ - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. *Tabela de áreas do conhecimento*. <http://www.cnpq.br/documents/10157/186158/TabeladeAreasdoConhecimento.pdf>. Acesso em 10 nov 2012.

FOUCAULT, M. (1969). *O que é um autor*. Portugal: Veja.

\_\_\_\_\_. (1986). *A Arqueologia do Saber*. Rio de Janeiro: Forense.

FREUD, S. (1919/1980). “Linhas de Progresso na Psicoterapia Psicanalítica”, in *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago.

\_\_\_\_\_. (1937/1980). “Análise Terminável e Interminável”, in *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago.

GAY, P. (1989). *Freud: uma vida para nosso tempo*. São Paulo: Companhia das Letras.

KAUFMANN, P. (1996). *Dicionário enciclopédico de Psicanálise: o legado de Freud e Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

LACAN, J. (1953/1998). “Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise”, in *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

<http://www.uva.br/trivium/edicoes/edicao-i-ano-v/artigos-tematicos/psicanalise-e-universidade.pdf>

- \_\_\_\_\_. (1960/1998). “Subversão do Sujeito e Dialética do Desejo no Inconsciente Freudiano”, in *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- \_\_\_\_\_. (1973/1985). *O seminário, livro 11: Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise* (1964). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- \_\_\_\_\_. (1975/1985) *O seminário, livro 20: mais, ainda (1972-1973)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Ed.
- \_\_\_\_\_. (1986/1988). *O seminário, livro 7, a ética da psicanálise (1959-1960)*. Rio de Janeiro: Zahar Ed.
- \_\_\_\_\_. (1991/1992). *O seminário, livro 17: o avesso da psicanálise (1969-1970)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- \_\_\_\_\_. (2000a). *O seminário 14, La lógica del fantasma (1966-1967)*. Versión de la Escuela Freudiana de Buenos Aires: Edição eletrônica das obras completas de J. Lacan.
- \_\_\_\_\_. (2000b). *O seminário 21: Los incautos no yerran (Los nombres del padre) (1973-1974)*. Versión de la Escuela Freudiana de Buenos Aires: Edição eletrônica das obras completas de J. Lacan.
- ROUDINESCO, E. (1988). *História da Psicanálise na França: a batalha dos cem anos*. v. 2. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- ROUDINESCO, E. & PLON, M. (1998). *Dicionário de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- SANTOS, B.S. & ALMEIDA FILHO, N. (2009). *A Universidade no Século XXI: Para uma Universidade Nova*. São Paulo: Almedina.

**Recebido em 23/01/2013**

**Aprovado em 25/05/2013**